

A CASA DO PEIXE

Livro 36

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



MARÉS

Apareço e desapareço nos lugares onde, às vezes, tenho entrada livre, embora em outras tenha o acesso vedado. Já não filtro as pegadas. O farol manipulado me joga contra as pedras, não posso favorecer-me dos meus sentidos, eles fluem noutra dimensão. Tudo aquilo que era o mundo em que eu vivia, hoje oscila entre o submundo rico e o submundo pobre, colunas entre as quais me escondo. Já não faço nascer em mim perguntas, esqueci as respostas. Apago a luz.



FORMAS DE PAIXÕES

Existirão formas mais adequadas de expressar as paixões que as viver a fundo, como versão singular inventando versões? Buscam-se novas orações onde caibam antigas palavras, como se chama esse idioma que em vão tenta registrar estes desconcertos prazerosos, sem itinerário, sem enredo, revestindo de

coragem um protagonista sem recursos que oscila entre caça e caçador. Evidências de intimidades arrastando a poesia e o querer, intensidades e impulsos que anulam a diferença entre o real e a fantasia. Ruidosas, assustadoramente atraentes, quase vícios, atropelam, não conhecem a espera, reduzem, fanatizam. Pungentes desembocam no carinho inesperado, explodindo aos gritos, cantam e silenciam, prometendo impossíveis permanências.



VELHA MEMÓRIA

Sou uma velha memória, uma antiga garantia, um conhecido refúgio sem fronteiras.

AMOR E ODIO

Em cada ser humano habita o amor e o ódio, cada grupo familiar e cada sociedade prioriza a educação de um sobre o outro.



HABILIDADES

Criar-se habilidades para a vida é o meio que orienta à construção do futuro.



O OUTRO

Sem reconhecimento do outro não se forma a valorização de si mesmo.

ALCANÇAR

Construir confiança nos humanos significa dar-lhe um voto e uma delegação para que possam tentar alcançar seus sonhos.



CONFIANÇA

O sentimento de confiança resulta da aposta que alguém faz nas virtudes alheias.



APEGO E VÍNCULO

Criar apego e vínculo torna acreditáveis as relações entre os humanos como forma de manter a esperança.

AMOR POR EXTENSO

Quem disse que conhece o amor mente, ele tem tantas versões que no máximo conhece algumas caras do amor. Senão vejamos: amor efêmero, amor mendigante, amor de cama, amor de mesa, amor bandido, amor sublimado, amor escondido, amor falsificado, amor conveniente, amor divergente, amor de instantes, amor eterno, amor doido, amor doído, amor mortal, amor breve, amor necessário, amor impulsivo, amor agudo, amor crônico, amor velado, amor enterrado, amor cicatrizado, amor ferido, amor poético, amor desnutrido, amor sutil, amor fraterno, amor materno, amor paterno, amor sonhado, amor honesto, amor entranhado, amor fantasma, amor recíproco, amor atrevido, amor moribundo, amor defunto, amor válido, amor povoado, amor prometido, amor arrependido, amor desesperado, amor agônico, amor piedoso, amor eficaz, amor ressentido, amor discursivo, amor opulento, amor secreto, amor falso, amor cíclico, amor vício e amor virtude. O amor que pede, o amor que finge, o amor que ataca, o amor que exclui, o amor intrometido que danifica fingindo. Amor desacompanhado que dói sozinho.

PARA GERAR

Fortemente agravados em cuidar dos conflitos, os humanos estão despreparados para ver e viver a vida como ela é. Rodeados de ideologias alienígenas se isolam em individualismos insuficientes para gerar a ilusão que comanda o prazer de viver.



DESCRENÇAS

Crianças e jovens crescem num mundo pleno de instituições desacreditadas.

TODO ATO

Todo ato conduzido com gentileza não se perde pelo caminho, nem se perpetua sem uma colaboração convicta e sincera. Toda falsidade se revelará sozinha, revestida de inúteis tentações.



SENTIMENTOS VALIOSOS

Sentimentos valiosos foram acumulados por anos a fio. Levados como intimidades colecionadas estabelecem uma agrupação de preciosos interesses. Como uma colheita reunida guardada nos silos, esse terreno familiar, inviolável, exoticamente resolvido de uma maneira singular e estranha.

EXCLUSIVIDADE

Uma feroz exclusividade invade a paz ingênua e as liberdades utópicas, frutificando ideais “mágicos” que não costumam funcionar.



CADA CRIANÇA

Cada criança celebra suas descobertas. Explorando os misteriosos e desconhecidos espaços, se situam pacientemente em meio a tantas incógnitas superpostas em pacífico silêncio o desconhecido sem ruídos acessórios.

RETRATO

O retrato colocado sobre a luz que o ilumina, estático na parede, fixa uma imagem antiga de mim que só reconheço com um esforço de memória. Calças curtas a mostrar as pernas ainda não crescidas. De cada lado do meu sorriso uma mão afável a tocar-me levemente os ombros, duas figuras mais velhas a ladear-me como protetores da minha fragilidade. Sob aquela tutela meu olhar deixava escapar uma curiosidade de que não me lembro, pois na fotografia eu não olhava para a frente. Detrás dos personagens, um rádio capelinha que não emite som, a mesa oitavada que o sustenta coberta por uma toalha de crochê. Foto assim, só em data comemorativa. Não me lembro mais do quê...

LEMBRANÇAS

O que me alcança perceber é que uma torrente que não posso ignorar, descendo memória abaixo e subindo peito acima alaga, sem consolo o tempo perdido, muito embora o atual renove e crie novos ares.

Sem epilogar, toda a aventura de viver não cabe em nenhuma descrição, compensa, mas não autentica; acerta o verbo, mas erra o adjetivo; levanta a fronte e baixa os olhos. Quando ergue-se a memória, a paz não escolhida se interrompe. A vontade acima de tudo, comete erros que a prudência não tolera.

Erguidas as imagens, transformadas em lembranças entusiasmadas, dou-me o dever de viver e reviver.

A ESPERANÇA DERRADEIRA

Cubro o espanto o mais que posso até esvaziar-me de toda a dor que o acompanha. Ensaio um descaso para tornar a vida amena, original, sem as decadências que algumas perdas são capazes de me provocar. Complico os arranjos, rompo a harmonia do conjunto, suporte calado, até chegar a envernizar o feio, envelhecer a memória, expor a público uma desusada paixão que invento para ficar menos deserto.

De tanto assistir às injustiças, não mais me envolvi com a vida. Me refugiei numa sala sem pompa e sem flores. Diviso as entrelinhas que enxertam algum princípio que nada mais vale. Todos os espaços ocupados pelo virtual demitem as virtudes, arruinando encontros, odores, paladares, essas percepções que obrigam as presenças.

Distribuo os assuntos segundo a importância. Frequentemente, divagar tem a vantagem de dar o mesmo destino a tudo, nivelando o espírito e as carências. Já não exige cultos nem respeito. Foi-me indeferido o pedido de alforria, portanto não posso expressar mais minha opinião nem encontro palavras para exprimir o que eu gostaria. Que sentido tem minha

queixa? Doem-me quando me tocam as feridas. Perdi-me das guias, esqueci-me de guardar-lhes a referência, não tenho a hora e o essencial.

Só me restam as esperanças que me levarão de volta àquele valor mediterrâneo, àquelas aldeias libanesas onde nasceram meus pais. Elas guardam meu sonho maior de voltar ali e beber a água das montanhas de Asrun.



MOLDE

Acusado feito criança, chego à vida no tempo imposto, remetido pelo relógio que avança cumprindo.

Quando começo alguma história, não espero epílogos. Espero alguma crença que arranque de dentro de mim esse céu esquecido, desperte os anjos, ressuscite alguma fé que não se atualize em vão. A vida se me apresenta ambígua. Evito os meus defeitos, me entrego quase inteiro, desconfio de quem me acolhe, penso que é quase virtual minha esperança. Imagino-me

um inventor de sonhos exagerados. Alardeio que ando com o peito fechado, ferido, escondendo as cores e os afetos virgens que em mim carrego. Guardo algum pedaço que ainda ficou por viver. Esqueço meu querer, quase choro por uma saudade que sei ter, murcho o riso, fecho a saída conforme o lugar. Não me moldo à ocasião, antes, vocifero ante a injustiça inventada, defendida, produzida há mais anos do que me entendo por gente. A poesia em mim cruza meus limites invadindo horas, lugares, os falsos amigos, os que me toleram e não comparecem à hora de me ofertar amizade. Tenho um amor que se manifesta conforme a hora, que desobedece ao relógio, o previsto, a razão, e que inventou uma ordem onde a desordem refez os encontros.

CAÇADOR DO PASSADO

O resgate desse que fui torna-me caçador da minha realidade adormecida no passado. Garimpando-o, encontro aqui e ali um esquecimento feito pó deixado em cada lugar por onde vivi intensamente. A voz que cantava era condutora dos meus sonhos, fazendo da ternura um produto de contágio proposital. Cada sorriso uma propriedade privada ternamente deixada em algum canto. Temia que alguma traição me violasse a sede de viver.

Ensinaram-me um desejar reduzido, inibido, envergonhado, sofrido. Vivi com culpa minha natureza que brotava inteira e honesta por todos meus poros. Quantos sonhos nasceram e morreram calados dentro de mim. Sigo sentindo como uma criança assustada que teme confessar-se atemporal, sabendo ser o tempo um dos crônicos mistérios, promotor de angústias que criam desafios entre a paixão e a resignação.

Especializei-me em cuidar dos outros embora eu seja um daqueles que mais necessita de cuidados. É que esse meu olhar fica curto para alcançar ver-me em minhas carências. Uma das caras da minha onipotência pretende despojar-me do vazio que me habita, disfarçando minha fragilidade ao simular fortalezas.

SURPRESAS

Desde que eu decidi falar de dentro de mim, esqueci os botões e resolvi falar com alguém. E como estivesse desacostumado, dividi-me entre vontade e medo. Ao mesmo tempo em que iluminava o íntimo, resguardei-me do explícito, cobrindo-o com uma aura de mistério. Desobriguei-me de reverenciar aqueles que não aprecio. Mantenho a pretensão de uma longa duração, me prolongo desafiando minhas limitações; evito, assim, a amargura e a dor, que considero como meus limites. Convertendo algumas convicções, engrandeci meu sentimento solidário. Movido pela meiguice, perdi a vergonha de amar, deixei-me arrastar por redes, por correntes, tornei-me independente para ser livre. Embarquei na deliberação. Deliberei introduzir a mediação, a união, a harmonia. Deliberei abandonar o supérfluo, os superficiais. Deliberei parar de criticar aqueles que não sustentam possibilidades de melhoras. Abasteço uma fantasia que deverá incluir os efeitos que adornam o impossível e o improvável. Evito ensaiar o que não saberei representar. Evito surpresas.

O MUNDO DAS RECORDAÇÕES

O mundo das recordações, não é outra coisa senão uma matriz onde guardo o tempo. Da mesma maneira que o passado se perde no tempo, a recordação resgata no presente. Para cumprir seu ciclo histórico, faz-se necessário que uma recordação morra para dar possibilidade de existência ao esquecimento e é assim que se perdoa, se releva, que os mitos morrem, que os opostos se misturam e se enterram os ossos. Quais eram os caminhos transitados pela recordação antes da chegada no destino? A serviço de qual missão se dá o resgate? A dualidade da natureza nos leva através da memória à origem, a ver o rosto do pai ou da mãe que tomam vida para que a amargura cesse. Recordar não é voltar para trás, mas dar sentido ao futuro. A recordação presente não é uma história, é uma intenção trabalhada pelo sonho e pelo devaneio, uma correção pouco autêntica do já vivido. É um informe inédito porque embaralha os dados sempre dispostos para adoçar ou atormentar o autor da recordação.

QUASE TODAS AS BONDADES

No pouco sereno caminho que indica o lugar dos mistérios, busco o curso das virtudes. Busco incessante antes de descansar. Descritas no crepúsculo do dia, permito-me olhar, as quero assíduas presenças. Examino o modo como em cada acontecer se apresentam. Graduadas e harmônicas, as raízes instaladas nos ventres geram-me uma avalanche de ideais. As oníricas belezas vertidas iniciam e sustentam uma continuidade. Os significados expostos dando lugar à alegria, só por um simples existir, afastam uma descontinuidade que seria aceita não fosse a consciência que clama e grita mantendo a serenidade por perto.

Embora não pareça, não me incomoda um próximo fim, nem as belezas que deixarei de ver. Incomoda-me essa declaração de impotência temporal vencido por um desgaste maior do que um simples corpo pode sustentar. Gastado por estímulos excessivos, sou forçado a aquietar-me na noite escura usando o ar com parcimônia e a companhia da vida com gratidão. De tão agradável, não ousa declamar a graciosa e discreta natureza contida no informe que o tempo oferece cada dia, no jeito de como acordo, profundamente metido

na vida plena que se oferece para ser vivida a cada dia. Hesito um momento, temeroso de desagradar os lugares e as pessoas que me cercam. Em tal ocasião, com certeza absoluta, por causa de alguma ação fortuita aqueles a quem mais amo provavelmente não virão. Mostrarão que nem todos os ideais se realizam, nem todos os amados se sensibilizam.

Conservando uma abertura ingênua que me favorece, sigo acreditando nas pessoas, embarco nesses mares cheios de sonhos onde jamais se naufraga e onde abrigam em suas águas tranquilas todas ternas amizades e quase todas as bondades. Sem grandes perigos, ali posso tranquilamente sonhar, ter todas as vantagens enamorando-me da vida e de todas as coisas tidas como belas.

Morrerei inconcluso.

LIMITES

Escavei até encontrar os limites da minha calma, entre insistentes sonhos saí em busca de algum lugar que pervertesse o tempo desorganizando sua direção ciente de que o paraíso havia partido, cansado, havia deixado de existir. Troquei segredos sobre olfatos, restaurei o olhar sedento dos imigrantes que me acompanham na esteira da habilidade prevendo encontrar as rotas como as de seus barcos.



NA SOMBRA DO TRIGO

Olhei à frente sem querer ver o que perdia. Na sombra do trigo vejo as mãos da minha mãe amaciando minha rotina. Teimo com essas lembranças que não consigo esquecer. Na rotina do mercado vejo meu pai selecionando as frutas e provando a coalhada que ainda se constitui como meu alimento presente e futuro.

AS FALAS E AS LETRAS

Entrei no mundo das letras pela transpiração. Quando comecei, supus que pudesse fazê-lo apenas escrevendo. O resultado se recusava a animar-me. A fala me acompanhava, mas não tinha intimidade com a escrita. Entre uma e outra existiam duas pessoas que não coincidiam nas almas, nos corpos, nem nas sombras.

Roberto Curi Hallal

